Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Psicologia

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,

no contexto da Diversidade Cultural

TALWANE VIEIRA CANGUÇU

CONSTRUINDO A IGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Brasília – DF

2015

TALWANE VIEIRA CANGUÇU

CONSTRUINDO A IGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada a Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural

Professor Orientador: Mestra Fabiany Glaura de Alencar e Barbosa

Brasília – DF

2015

Canguçu, Talwane Vieira.

Construindo a igualdade de Gênero na Educação Infantil / Talwane Vieira Canguçu. – Brasília, 2015.

41f. : il.

Monografia (especialização) – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia - EaD, 2014.

Orientadora: Prof. Mestra Fabiany Glaura Alencar E Barbosa, Instituto de Psicologia.

1. A Educação Infantil . 2. As Primeira Impressões Sobre Gênero. 3. Educadores e Educandos na Construção da Igualdade de Gênero. I. Título.

TALWANE VIEIRA CANGUÇU

CONSTRUINDO A IGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural do (a) aluno (a)

Talwane Vieira Canguçu

Mestra Fabiany Glaura de Alencar e Barbosa

Avaliador: Mestre Eric de Sales

Brasília, 14 de novembro de 2015

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível graças à Adriana Gomes Venâncio, que me orientou durante todo o curso.

À Fabiany Glaura, que com sua paciência, me orientou durante a elaboração desta monografia.

Aos meus alunos, que me mostram que é necessário buscar sempre uma educação melhor.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”

Antoine Saint-Exupéry

Resumo

O presente estudo caracteriza-se como um trabalho de conclusão de curso, sendo seu título *Construindo a Igualdade de Gênero na Educação Infantil.* Seu objetivo geral Propor e implantar práticas pedagógicas que visem à construção da igualdade de gênero na turma de alunos de 4 anos.. Como objetivos específicos temos: (1) Analisar as primeiras impressões sobre gênero na Educação Infantil, (2) Construir e implantar ações conjuntas com educadores e educandos para a construção da igualdade de gênero.

Palavras-chave: Gênero, Educação Infantil.

Abstract

This present paper consists in a work of completion, with the title Building a Gender Equality in Early Childhood Education. It aims to propose and implement educational practices for a class with 4 years old students to build the knowledge of Gender Equality. As Specific objectives: (1) Analyze the Impressions About Gender in Early Childhood Education , (2) Build and implement Actions between educators and students to build the idea for Gender Equality .

Key words : Gender, Child Education .

Lista de quadros

Quadro 1_Cronograma de realização do processo de intervenção _____28

Sumário

1.Introdução_____14

1.1 Problematização_____15

1.2 Justificativa_____15

1.3Objetivo_____16

1.3.1 Objetivo Geral_____16

1.3.2Objetivo Específico_____16

1.4 Metodologia _____17

1.4.1 A turma_____18

1.4.2 As professoras_____18

1.4.3 A direção_____19

1.4.4 A escola_____19

2. A educação infantil_____21

2.1 As primeiras impressões sobre gênero_____22

2.2 Educadores e educandos na construção da igualdade de gênero_____24

3. Ações interventivas_____27

3.1 Brincadeira com massinha colorida_____27

3.2 Dia do filme_____27

3.3 Dia do herói _____28

3.4 Dia da princesa_____28

3.5 Brincadeira de casinha e carrinhos_____29

4. Análise e Discussão do Processo Interventivo_____30

5. Consideração Final_____36

6. Referências_____38

1. Introdução

Porque trabalhar gênero na educação infantil? Meninos brincam de carrinho, e meninas de boneca! Ele não pode brincar na casinha! Essas e muitas outras são as frases ouvidas diversas vezes ao dia dentro das escolas.

Essas frases enraizadas culturalmente ditas dentro e fora das escolas reproduzem o sexismo que demora a ser reconstruído nos anos seguintes ou em muitos casos não é reconstruído e continua sendo repassado aos nossos alunos. Para reconstruir essa realidade de muitas salas de aula, podemos nos apoiar na aprendizagem construtivista, idealizada primeiramente por Piaget, mas vista com um teor político por Demo (1998) "normalmente, reconstruímos o conhecimento, porque partimos do que já conhecemos, aprendemos do que já está disponível na cultura".

As generalizações que muitas vezes ouvimos sobre meninos e meninas continuam sendo repassados pelos professores diariamente dentro das salas de aulas das escolas do país desde a educação infantil. Onde a escola acaba não atuando como espaço de (re)construção do conhecimento. A atuação dos professores nessa fase se torna de suma importância, para uma educação onde a igualdade de gêneros seja efetiva desde a primeira infância. Educando para além de letra e números, chegamos à educação imaginada por Paulo Freire (1993), que nos ensinou que a essa é um papel fundamental para a cidadania. Como diz SOUSA (2004), educar para os direitos humanos. Não apenas para a construção da igualdade de gênero, mas para educar para combater preconceitos raciais, regionalismo, elitismo, diversidade sexual e religiosa e outros.

Uma educação pensada na igualdade de gêneros é uma educação que vise combater a misoginia, o sexismo. Pode-se dizer que é uma educação para os direitos humanos, pois a construção da igualdade de gênero entra no âmbito desse.

O Plano Nacional de Educação para os Direitos Humanos, que visa à inserção dos conteúdos referentes aos direitos humanos em todos os níveis de ensino de educação. Em suas ações programáticas para a educação básica, que abrange educação infantil, ensino fundamental e ensino médio encontra-se: (i) tornar a educação em direitos humanos um elemento relevante para a vida dos(as) alunos(as) e dos(as) trabalhadores(as) da educação,envolvendo-os(as) em um diálogo sobre maneiras de

aplicar os direitos humanos em sua prática cotidiana; (ii) formentar a inclusão, no currículo escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências, entre outros, bem como todas as formas de discriminação e violações de direitos, assegurando a formação continuada dos (as) trabalhadores(ras) da educação para lidar criticamente com esses temas; (iii) favorecer a inclusão da educação em direitos humanos nos projetos político-pedagógicos das escolas, adotando as práticas pedagógicas presentes no cotidiano. Entre outros.

1.1 Problematização

Levando em consideração que a educação infantil é a base da educação sistematizada e tem grande papel na formação de valores e principalmente na formação de cidadão, cabe a cada educador indagar "Como colaborar em sala de aula para a construção da igualdade de gênero? Quais são as falas e atitudes que caracterizam a visão de gênero que os alunos trazem das instituições anteriores à escola?

A atuação em sala de aula nos mostra que desde o primeiro contato com a escola os educandos já demonstram suas concepções de gênero por meio de brincadeiras, brinquedos, cores e outros. Muitas vezes professores também demonstram suas concepções de gênero através da fala e atitudes voltados para os educandos.

Educar para os direitos humanos evitando processos de discriminação é necessário desde os primeiros anos da vida escolar. A participação ativa do professor é necessária para que a sala de aula não seja um espaço gerador e reprodutor de uma educação discriminatória, mas um espaço de construção de igualdades.

1.2 Justificativa

Uma educação em e para os direitos humanos deve ser trabalhada desde a educação infantil. Analisar como se dá a construção de gênero nos primeiros anos

escolares de cada criança para trabalhar a igualdade de gênero desde o ingresso na escola se mostra uma prática importante nos fazeres do educador da primeira infância.

Pensando a escola como um espaço de (re)construção do conhecimento, ela atua além de um local de informações como um local de reflexão de alunos e professores para uma formação de alunos cidadãos capazes de repensar e transformar suas atitudes cotidianas. A escola é uma instituição com grande importância na formação de valores de cada indivíduo, tendo como base a educação infantil, onde os indivíduos têm seu primeiro contato com o conhecimento sistematizado e ação planejada para determinado fim.

Enxergar a educação infantil como um momento propício para o início de uma (re)construção de pensamentos, valores, conhecimento é de suma importância para tanto para o desenvolvimento cognitivo do aluno como na formação de valores morais de cada um.

1.3. Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Propor e implantar práticas pedagógicas que visem à construção da igualdade de gênero na turma de alunos de 4 anos.

1.3.2 Objetivos específicos

- Analisar as primeiras impressões sobre gênero na Educação Infantil
- Construir e implantar ações conjuntas com educadores e educandos para a construção da igualdade de gênero.

1.4Metodologia

Como instrumentos para a construção dos dados, serão utilizadas observações participantes em uma escola, com a descrição da realidade diária de sala de aula, observando prioritariamente falas e ações de educandos e professores que demonstrassem a igualdade de gêneros ou sexismo. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e de uma intervenção ao longo do processo, onde há um contato direto do pesquisador com a sala de aula, buscando a compreensão da realidade desta.

Por se tratar de uma turma de educação infantil, pretendeu-se desenvolver atividades lúdicas com os educandos para a implementação de ações visando à igualdade de gênero.

Uma pesquisa em educação de cunho qualitativo apresenta algumas características básicas de acordo com Lüdke e André (2000, p.11 apud Bogdan e Biklen 1982), que são:

- A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
- Os dados coletados são predominantemente descritivos
- O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial ao pesquisador
- A análise de dados tende a seguir um processo indutivo

Dessa forma, é necessário compreender também o contexto escolar, o que se está observando, quem está envolvido, o cotidiano escolar entre outros.

A pesquisa ocorerrá em uma turma de Maternal III de uma escola particular voltada para a classe média alta de Brasília. A turma não foi escolhida por acaso. A turma foi escolhida por ser o primeiro contato de muitos alunos com a escola, ou seja, é o primeiro contato com a (re)construção do conhecimento, onde eles verbalizam o conhecimento que foi aprendido em casa, ensinado pela família.Também é o primeiro contato social com pessoas além de familiares de grande parte dos alunos. Onde comentários sexistas podem ser notados nas brincadeiras, nas atividades cotidianas, na fala de alunos e professoras.

A escola atende apenas a educação infantil, alunos de um ano e meio a seis anos matriculados entre Maternal I e Infantil II.

A escola tem um Projeto Político Pedagógico onde a própria escola não demonstra interesse que as professoras, funcionários e alunos tenham contato.

1.4.1 -A turma

A turma era composta por 15 alunos, 8 meninas e 7 meninos. A faixa etária era de crianças de três anos e meio para quatro anos. De acordo com a professora, grandes partes dos alunos já estudaram na escola no anterior. Apenas três alunos ingressaram este ano na escola este ano.

Era uma turma vista como agitada pela professora pelo fato de serem alunos participativos e gostarem de participar de todas as atividades propostas.

Ao indagar a professora sobre a turma ser sexista a professora respondeu que alguns alunos apresentavam esse comportamento e outros apesar de não verbalizarem também se limitavam a realizar atividades ditas masculinas.

1.4.2 - As professoras

A turma contava com uma professora formada em Pedagogia. A professora atua a cinco anos em sala de aula, porém este era seu terceiro ano com a educação infantil e seu segundo ano nesta instituição.

A professora tem uma postura rígida com os alunos e justifica pelo fato da turma ser agitada. Ela demonstra mais afeto e atenção pelas meninas. Ela trabalha em escola apenas meio período, no outro turno ela trabalha com aulas particulares.

Ela tem o auxílio de duas estagiárias. A primeira e mais freqüente na sala de aula, está no meio do curso de pedagogia, trabalha os dois períodos na instituição desde o início do ano e anteriormente também atuava com o ensino fundamental em uma escola pública de Brasília. A segunda e menos freqüente na sala de aula, está no final do curso de Pedagogia, começou a trabalhar os dois períodos na instituição há menos de um mês, e muitas vezes é deslocada de sala pela direção da escola.

1.4.3 - A direção

A direção da escola é formada por uma diretora pedagógica, que ingressou na instituição no início desse ano letivo.

Uma coordenadora pedagógica que ingressou na instituição no meio desse ano letivo.

Uma diretora financeira, que atua tanto na área financeira da escola como em decisões pedagógicas ao lado da diretora pedagógica.

Ao ser indaga sobre o motivo de uma nova direção tão recente na escola, a resposta da dona da escola foi “para melhorar a educação, procuramos este ano uma direção que compreendesse melhor a proposta sócio-interacionista que a escola almeja”.

1.4.4 - A escola

A escola é uma das unidades espalhadas por Brasília, todas voltadas para a classe média alta e apenas com educação infantil.

A faixa etária dos alunos é de um ano e meio a cinco anos, maternal até infantil II.

O grande “carro chefe” da instituição são as turmas de maternal, são mais de 16 turmas no período da manhã e da tarde e oito turma de infantis.

Além da direção escolar, a escola conta com:

- 3 recepcionistas;
- 1 secretária escolar;
- 2 porteiros;
- 18 professoras;
- 24 estagiárias;
- 1 professora de balé;
- 1 professora de judô;
- 1 professor de capoeira;
- 1 professora de contação de história.

As professoras de inglês são contratadas por uma empresa a parte, onde quatro professoras atendem a demanda das aulas da escola.

A equipe a limpeza é parte de uma empresa contratada a parte.

A estrutura física da escola tem no térreo, uma secretária, um pátio com parque infantil gramado com grama sintética. Um viveiro com animais como: tartarugas, pavões, coelhos, pássaros, gansos, patos e galinhas, sala da diretora e salas de reuniões, enfermaria, sete salas de aula, uma cozinha experimental.

No primeiro andar conta com sete salas de aula, a sala de professores/coordenação, sala de balé, sala de judô/capoeira.

A escola tem parceria com uma academia para os alunos que estão matriculados com em período integral.

As aulas de balé /judô são dividas entre meninas e meninos, em salas separadas e não há casos na escola de alunos optarem por qual das duas atividades os alunos gostariam de realizar.

A pesquisa será desenvolvida como pesquisa-ação. De acordo com Engel (2000) a pesquisa-ação tem as seguintes características:

- O processo de pesquisa deve tornar-se um processo de aprendizagem para todos os participantes e a separação entre sujeito e objeto de pesquisa deve ser superada.
- No ensino, a pesquisa-ação tem por objeto de pesquisa as ações humanas em situações que são percebidas pelo professor como sendo inaceitáveis sob certos aspectos, que são suscetíveis de mudança e que, portanto, exigem uma resposta prática.
- A pesquisa-ação é auto-avaliativa, isto é, as modificações introduzidas na prática são constantemente avaliadas no decorrer do processo de intervenção e o feedback obtido do monitoramento da prática.

Durante o processo de pesquisa observaremos falas e atitudes sexistas tanto de alunos como de professoras em sala de aula e intervenções feitas por essas para combater o preconceito de gênero.

Para isso faremos observações participante em sala de aula e intervenções de formas lúdicas com a turma visando a igualdade de gênero.

2. A educação infantil

A concepção de educação infantil mudou muito ao longo dos anos. Depois de muitos anos e pesquisas de teóricos voltadas para a educação da primeira infância, a educação passou para além do cuidar, para o educar. Onde se trabalha desde cedo o social, o cognitivo, a lingüística, o físico.

E com isso muito se fala na qualidade da educação infantil. Mas como qualidade é um conceito polissêmico, ele pode estar relacionado a diversos fatores. SOUSA (1998) afirma que "buscar qualidade na educação é estar disposto a enfrentar muitos desafios...é, ainda, construir um currículo que respeite a diversidade, e tantas outras dimensões dessa qualidade".

As reproduções dos discursos de gênero começam na educação infantil, mas em muitos casos, só começam a ser debatido nos anos finais do ensino fundamental, como tema transversal, como indica o Parâmetro Curricular Nacional, (MEC/SEF 1998) que indica a trabalhar as questões de gênero e sexualidade devem ser trabalhadas a partir do 5° ano do ensino fundamental. Nesse documento, a temática deve ser debatida como um tema que deve ser ministrado em todas as disciplinas com três eixos norteadores: (i) corpo: matriz da sexualidade, (ii) relações de gênero, (iii) prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/ AIDS.

Mas é desde a pré-escola que se inicia a construção de gênero, pois o desenvolvimento infantil é afetado pela educação recebida pelos adultos (familiares ou de outras instituições que as crianças freqüentam) baseada em preconceitos e generalizações. Nessa fase da educação, as crianças acabam reproduzindo na escola o que vêem e ouvem em casa, inclusive com relação à concepção de gênero, por isso pode-se ouvir dos alunos: Rosa é de menina; carrinho é de menino; meninas não fazem isso; menino não chora; entre outras frases.

No Parâmetro Curricular Nacional para a Educação Infantil volume 2 "a questão de gênero ocupa papel central no processo de construção da identidade" e que se deve "transmitir valores de igualdade e respeito entre pessoas de sexo diferente e permitir que as crianças brinquem com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao de mulher". Cabe ao professor ficar atento para não reproduzir os padrões estereotipados e trabalhar com o que os próprios alunos trazem em sua

bagagem cultural, tendo sempre em mente em transmitir a igualdade entre os gêneros, e não apenas camuflando essa desigualdade ainda presente na sociedade.

Atividades livres de preconceitos são bem vindas nessa fase. “Se educarmos as crianças a partir dos preconceitos de gênero, estaremos limitando a experiência de ambos” BIAGIO (2005). Incentivar a criatividade, a expressão de desejos e sentimentos, a diversidade, o trabalho conjunto, a ousadia contribui no combate ao sexismo. Atividades propostas, pensadas e trabalhadas com bases nos padrões sociais de gênero apenas limitam o desenvolvimento infantil e inibi a construção da igualdade de gênero.

A escola é um espaço de informação, reflexão e (re)construção do conhecimentos tanto dos alunos, quantos dos professores e pais. O diálogo nessa fase é um dos mais importantes instrumentos na construção do saber. Discutir com os alunos a construção dos valores, dando espaço para a igualdade de gêneros e para a diversidade. Professores reflexivos, analisando sua atuação em sala de aula, são necessários em todas as salas de aula. E diálogo constante com pais sobre o trabalho mútuo na construção da igualdade de gêneros.

2.1 As primeiras impressões sobre gênero

Desde os primeiros anos escolares, muitas crianças já mostram em sala de aula as concepções que trazem sobre gênero. O modo como devem se comportar, as cores que devem utilizar, os brinquedos que devem brincar, como devem se relacionar com os colegas e muitos outros. Sabemos que vivemos em uma sociedade em que há relações sociais diferenciadas pelos gêneros, havendo ênfase no masculino. Há muito vem se trabalhando para transformar essa realidade.

A escola é um bom local para trabalhar essa desigualdade entre homens e mulheres, pois a escola é um local para a (re)construção e apropriação de novos conhecimentos, dessa forma, evitando a reprodução de práticas sexistas.

Em muitos momentos de sala de aula com uma turma de educação infantil, reparamos falas de alunos e professores de forma sexista. A escola não deve ser uma reprodutora de preconceitos, mas sim de tolerância a diversidade existente. Deve-se trabalhar em sala de aula, para anular os estereótipos. “Os estereótipos são uma maneira

de “biologizar” as características de um grupo, isto é, considerá-las como fruto exclusivo da biologia, da anatomia.” (GDE, 2009).

Ou seja, não é obrigatório que meninos brinquem de carrinhos e meninas gostem de rosa. Que meninas sejam meigas e meninos brinquem de luta. Que os meninos sejam mais danados e as meninas gostem apenas das princesas.

Deve-se mostrar na escola, que convivemos com diferentes pessoas que são diferentes. Deve-se ensinar desde o primeiro contato com a convivência coletiva que devemos respeitar as diferenças, que não devemos ser todos iguais. “Se o estereótipo e o preconceito estão no campo das idéias, a discriminação está no campo da ação, ou seja, é uma atitude. É a atitude de discriminar, de negar oportunidades, de negar acesso,de negar humanidade.” (GDE, 2009). Devemos educar não apenas para evitar estereótipos, mas para não propagar discriminação desde os primeiros anos escolares.

Desde a educação infantil já é possível observar as primeiras impressões que os alunos têm sobre gênero e diversidade. Muitas meninas levam apenas bonecas no dia do brinquedo e não as dividem com os meninos. Muitos meninos se recusam a utilizar as cores rosa e lilás para colorir. Em algumas brincadeiras como “casinha” eles dividem as tarefas entre as crianças por gênero, muitas vezes não admitindo se crianças gostariam de realizar outra tarefa na brincadeira.

Essas primeiras impressões de gênero, que os alunos apresentam em sala de aula, muitas vezes é resultado do que aprendem na convivência com as primeiras instituições que tiveram contato como família e igreja. Devemos observar não apenas as atitudes dos alunos, mas também as atitudes dos professores, para que possamos ter certeza que estes também não estão contribuindo para a reprodução do sexismo em sala de aula.

A escola pode trabalhar para educar para os direitos humanos evitando processos de discriminação desde os primeiros anos da vida escolar. Como diz, (VALSINER, 1989; 2007) “a escola é um espaço típico de desenvolvimento e de socialização, em função do vasto mundo de relações e interações pessoais que os/as alunos/as estabelecem com seus/suas professores/as e colegas. É no contexto dessas interações pessoais que se veiculam os significados, crenças e valores socioculturais, que são ressignificados de modo único pela pessoa em desenvolvimento.”

Essa é a essência da educação infantil, uma pessoa em desenvolvimento, aprendendo através das interações sociais. Através dessas interações com pais,

familiares, professores, colegas educamos um cidadão. Educamos desde essa fase para que compreenda desde o início do convívio coletivo a respeitar os demais.

É na primeira infância que vamos mostrando nossas primeiras impressões de gênero e também transformando essas impressões. Esse trabalho vai além de aprender que todas as cores são unissex, que todos os brinquedos e brincadeiras são livres, que não existe forma correta de menina ou meninos agirem. É aprender a respeitar, a conviver com as diferenças e principalmente a não propagar a discriminação.

Não se deve reproduzir, nem se deixar reproduzir dentro de sala de aula hábitos sexistas enraigados culturalmente, atitudes discriminatórias, desigualdade entre os gêneros. Pois as crianças, na primeira infância reproduzem de forma inconsciente o que vem aprendendo através das relações sociais que já estabeleceu. São comentários sobre como se deve agir de acordo com o sexo, quais são brinquedos que se devem utilizar e assim por diante.

Ao mesmo tempo em que grande parte das crianças demonstram atitudes de diferenciação de gênero, as mesmas são capazes de se mostrarem interessadas nos artigos que elas julgam serem próprias do outro gênero. Meninos demonstram curiosidade nas bonecas das meninas, e vice e versa as meninas com os super heróis. Meninas querem brincar de luta e meninos de casinha. E quem disse que não poderiam? Porque não poderiam?

É nesse primeiro contato com o diferente do que se é vivenciado diariamente, com a curiosidade sobre o mundo que disseram pertencer ao outro que as práticas educativas atuam mediando que não ocorra uma imposição de atitudes sexistas e discriminatórias vigente ainda de modo enraizado em nossa sociedade.

É durante esse primeiro contato com o diferente, com o novo, com a grande quantidade de possibilidades de ser e agir desde criança que educamos para serem cidadãos que saibam fazer suas escolhas de acordo com o que verdadeiramente lhe agradem e principalmente saibam conviver e respeitar com as escolhas que os outros façam, não julgando a ação e capacidade dos outros de forma sexista.

2.2 Educadores e educandos na construção da igualdade de gênero

A frase de Simone de Beauvoir (1980, p. 9) “Ninguém nasce mulher: tornasse mulher” define bem que ninguém nasce menino ou menina culturalmente, tornasse assim diferenciados pelo que lhe ensinado culturalmente.

Como citado anteriormente às salas de aula necessitam de professores reflexivos. O “Professor Reflexivo” proposto por Mackay (2013) é o professor que analisa suas aulas para melhorá-las, visando um melhor processo de ensino-aprendizagem e práticas de ensino. Em muitos casos as atitudes de professores reflexivos surgem a partir de problemas em sala que necessitam serem resolvidos. Observados os problemas o professor elabora sua atuação visando resolver o problema transformação sua atuação e rotina diária.

Nesse contexto o professor deve estar atento a falas e atitudes sexistas no contexto escolar. Propor atividades que visem à construção da igualdade de gênero, diálogos com os alunos. De acordo com SAVIANI (1996) a educação sistematizada é uma ação planejada que se busca intencionalmente alcançar um determinado fim, logo a ação planejada do professor deve ocorrer para a construir um espaço de reflexão dos alunos sobre a igualdade de gênero. Atividades onde os alunos se sintam livre para verbalizar e demonstrar seus anseios quanto aos gêneros, tornando a sala de aula um espaço que supere a discriminação, que seja baseado em uma educação para os direitos humanos, tolerante a diversidade e reprodutor da igualdade de gêneros.

Esta fase é caracterizada pelo lúdico, pelas cores, pela imitação e construção dos valores morais e da identidade de gênero. A instituição escola tem um forte papel nesses aspectos, e toda intervenção será internalizada pelos alunos. Quem tem o maior contato de mediação nesse processo de (re)construção dos valores são os professores.

A formação inicial e continuada de professores é necessária para que estejam preparados para atenderem a esta necessidade das salas de aula da educação infantil. Para que estejam atentos e saibam como trabalhar essa temática de forma eficaz, sabendo lidar com as diferenças e estimulando o ambiente e os alunos para que sigam o mesmo caminho.

Ter sempre em mente que não existe padrão de comportamento, que a diversidade é algo constantemente presente em sala de aula, é necessário também aos professores, independente da série em que atua, avaliando não apenas as atitudes dos alunos, mas as próprias atitudes que ainda podem apresentar comportamento sexista e que a igualdade de gênero é construída cotidianamente em pequenas atitudes realizadas no dia a dia.

Para Magendzo(2006, pp. 24- 25) a educação em direitos humanos “deve ser uma educação em valores, tais como tolerância, não discriminação e o respeito à diversidade”. Ao analisarmos a educação formal escolar e a não formal, que ocorre fora

do ambiente escolar podemos ver a importância de ter essa concepção internalizada para podermos educar realmente para os direitos humanos.

A ação de educar nossas crianças não é tarefa apenas da escola, pois sabemos que não é o único lugar que aprendemos. Aprendemos no cotidiano e nos diversas instituições que freqüentamos (família, igreja e outros). É necessário um trabalho conjunto para educar para "uma luta permanente e diária, para manter, criar e afirmar novos direitos dentro de contextos de desigualdades, exclusão e opressão", Carbonari (2008).

Isso é educar, é educar para ser cidadão, um cidadão capaz de ser tolerante, capaz de reconhecer seus direitos e deveres, ter valores e princípios éticos, contra discriminação, capaz de entender que a diversidade existe em todos os âmbitos e que devemos conviver e aprender com ela.

Devemos mostrar aos nossos educandos desde a educação infantil que o diferente não é sinônimo de errado. Que as diferenças são benéficas e devemos respeitar a todos. Educar vai além de ensinar letra e números. É educar para a cidadania.

Ser cidadão é ter consciência dos seus deveres e direitos e ir em buscas deles. E reconhecer que todos somos sujeitos de direitos independe de sexo, religião, preferências e outros. Ir em buscar desses direitos é fazer uso da cidadania. Relembrando que os "direitos humanos são lutas sociais concretas da experiência de humanização, da trajetória emancipatória do homem".

Educar em e para os direitos humanos é ensinar o respeito a diversidade e a participação ativa em busca dos direitos que acha necessário para a melhora da sociedade.

Espera-se uma ação conjunta, com a participação ativa de educadores e educandos na construção da igualdade de gêneros e demais. "O processo pedagógico implica no reconhecimento do direito à diferença, garantindo relações igualitárias entre pessoas e grupos de universos culturais distintos e reconhece o processo constante de construção das identidades em contextos conflitivos."BICALHO (2015, p.9).

É necessário compreender a importância do processo educativo e da ação de professores e demais funcionários da escola nesse processo de construção de hábitos e valores dos educandos desde a educação infantil. Pois o processo de educação sistematizado e planejado já se inicia desde essa fase educacional voltada para a primeira infância.

3. Ações interventivas

Para realizar as ações interventivas, apresentaremos a proposta de trabalho a professora e as monitoras, para que elas possam colaborar no processo, auxiliando na mediação com os alunos e dar continuidade futuramente.

3.1 -Brincadeira com massinha colorida

Objetivo: Demonstrar que as cores são unissex.

Realizar uma atividade lúdica com massinha, juntamente com o conteúdo pedagógico. Entregar aos alunos livremente as cores de massinhas e deixar que eles escolham quais queiram utilizar.

Analisar quais são as cores que eles estão utilizando e tentar que todos os alunos utilizassem de todas as cores. Dialogar com as crianças sobre todos poderem usar todos os tipos de cores, para transformar a ideia de “cores de menina e cores de menino”.

3.2 - Dia do Filme

Objetivo: Demonstrar que filmes e personagens são unissex.

No dia do filme apresentar aos alunos um filme infantil. Conversar com os alunos sobre o filme. Indagar se gostaram do filme. Qual personagem eles gostaram mais. Qual trecho eles mais gostaram.

Ao final brincar sugerir duas brincadeiras aos alunos. A primeira seriabrincarem mímica com os personagens do filme. Que cada um possa imitar um personagem para que os outros possam adivinhar.

A segunda seria corrida dos personagens. Aonde durante a corrida, os alunos devam vir imitando o personagem solicitado.

3.3 - Dia do Herói

Objetivo: Demonstrar respeito à diversidade de opiniões

Solicitar que os educandos tragam de casa brinquedos e objetos que remetam aos super heróis que eles gostem. Homem Aranha, Batman, Hulk, Homem de Ferro, Capitão América, Thor, e outros. Poderiam levar quantos brinquedos e objetos desejassem. Bonecos, fantasia, brinquedos dos personagens e outros.

Conversar com os alunos sobre cada personagem de super herói que eles trouxeram. Deixar que cada aluno fale qual se identifica mais e o motivo.

Explicar as crianças que não existem brinquedos para meninos ou meninos, todos podem brincar com todos os brinquedos da forma como desejar.

Deixar que os alunos brinquem livremente com os personagens, pedindo apenas que eles possam compartilhar os objetos entre si.

Observar como se desenvolveram as brincadeiras e relação entre os alunos.

3.4 - Dia da Princesa

Objetivo: Demonstrar respeito à diversidade de opinião.

Solicitar que os educandos tragam de casa brinquedos e objetos que remetam as princesas que eles gostem.Cinderela, Branca de Neve, Aurora, Pocahontas, Bela, Elsa, Ana e outras. Poderiam levar quantos brinquedos e objetos desejassem. Bonecas, fantasia, brinquedos das personagens e outros.

Conversar com os alunos sobre cada personagem de princesa que eles trouxeram. Deixar que cada aluno fale qual se identifica mais e o motivo.

Deixar que os alunos brinquem livremente com os personagens, pedindo apenas que eles possam compartilhar os objetos entre si. Explicar as crianças que não existem brinquedos para meninos ou meninos, todos podem brincar com todos os brinquedos da forma como desejar.

Observar como se desenvolveram as brincadeiras e relações entre os alunos.

3.5 - Brincadeira de Casinha e Carrinhos

Objetivo: Demonstrar respeito à diversidade, independente do gênero.

Sugerir que os alunos possam brincar de casinha e carrinho, onde cada um possa assumir a posição que desejar.

Quadro 1 - Cronograma de realização do processo de intervenção

Atividade	**Data**	**Tempo de Duração**
Dia da Massinha Colorida	10/09/2015	30 minutos
Dia do Filme	14/09/2015	2 horas
Dia do Super Herói	16/09/2015	1 hora
Dia da Princesa	17/09/2015	1 hora
Brincadeira de Casinha e carrinho	18/09/2015	1 hora

4. Análise e discussão do processo interventivo

A aula no período vespertino inicia às 13h30min com todos os alunos da escola sendo recebidos por todas as professoras no pátio da escola. Nesse tempo os alunos fazem uma oração criada pelas antigas diretoras da escola e cantam uma música infantil antes de seguirem para suas salas de aula às 13h45minutos. Ao entrar na sala, os alunos já adaptados a rotina da professora, guardam suas mochilas e seguem para um tapete de e.v.a. (material escolar e brinquedos pedagógicos) no canto da sala, onde fazem observações de como está o tempo, quantos alunos estão presentes,contando separadamente meninos e meninas (para se fazer essa análise a professora utiliza de colheres nas cores azul para os meninas e amarelo para as meninas) e chamada com os alunos.

Com a proposta de trabalhar com massinhas coloridas, para explicar aos alunos que não existe sexismo quando falamos de cores, aproveitamos o tema da aula que era alimentação para trabalhar com as massinhas. A professora pede que os alunos façam algo que gostam de comer com massinha de modelar e traz um pote de massinha roxa e verde, onde os alunos começam colocando suas observações;

Aluno 1: Eu quero a massinha, roxa. Eu quero roxa, verde e rosa.

Aluno 2: Você não pode brincar com a massinha rosa, nem com a massinha roxa. Só com a verde.

Aluno 1: Eu quero tia.

Professora: Aluno 2, porque ele não pode brincar com a rosa e com a roxa?

Aluno 2: Porque não pode, é de menina.

Professora: Quem falou que é de menina?

Aluno 2 refletindo sobre a pergunta: Meu pai que falou. Mas eu também quero das duas massinhas tia.

Professora: Mas se vocês querem brincar, todos podem brincar com todas as cores. Não existe cor de menina ou cor de menino. Todos podem usar todas as cores, por exemplo, eu sou menina e olha minha calça é azul.

Aluno 3: É cor de menino, mas menina também pode usar “né” tia. Minha mãe falou que eu posso usa azul, igual meu irmão.

A professora entrega os dois tipos de massinha, para os alunos e avisa que não tem massinha de modelar rosa. Os alunos seguem a aula sem mais considerações sobre cores.

Segundo dia de observação, colocamos em prática a proposta de filme para todos os alunos. O filme escolhido para a aula era Frozen- Uma Aventura Congelante (2014), uma animação da Disney que conta a história de uma princesa que parte para uma aventura na neve atrás de sua irmã para acabar com uma maldição sobre o seu reino. Apesar de muitos alunos já terem assistido ao filme, todos prestam atenção e saem da sala cantando músicas tocadas durante o filme.

Quando o filme acaba e a professora pergunta o que acharam do filme. A grande parte dos alunos responde que já haviam assistido e que gostam do filme.

A professora pergunta para cada aluno qual personagem eles mais gostam. As meninas responderam Princesa Elsa, Princesa Ana ou as duas. E os meninos se dividiram entre o Príncipe Hanz ou Olaf, o boneco de neve.

Seguindo o planejamento para o dia do filme, a professora sugere uma brincadeira de mímica, onde cada um imita um personagem para que o restante da turma possa adivinhar. A professora fala o personagem para cada aluno, para que esse possa fazer a mímica para o restante da turma.

Propositalmente os personagens indicados para cada aluno eram personagens do sexo oposto. As meninas eram indicadas a imitaram o Príncipe Hanz ou o Olaf, e aos meninos as Princesas Elsa ou Ana. Durante a brincadeira, era notável uma maior desenvoltura das meninas ao imitarem os personagens masculinos, ora demonstrando os personagens por comportamentos masculinos, como formas de andar e lutar. Os meninos se demonstraram um pouco mais constrangidos em imitarem as princesas e imitaram, em grande parte, características típicas das personagens do filme.

Ao final, ao ser proposta aos alunos uma pequena corrida de personagens, que durante o trajeto as crianças deveriam estar imitando os personagens uma aluna comentou: - A tia falou azul não é só de menino. É verdade! O vestido da Elsa é azul. O mesmo aluno que comentou sobre cores de meninos e de meninas, se recusou a imitar a Elsa no momento da corrida. Quando indagado pela professora o porque não imitou, ele respondeu que não gosta da Elsa.

Dias depois da apresentação do filme para turma o pai de um aluno pede para conversar com a professora e indaga se os alunos assistiram ao determinado filme. Quando ouviu um positivo da professora, o pai novamente indaga porque estavam

assistindo a filme de meninas. A professora responde que animações infantis são criadas para os dois gêneros, que o filme é divertido e que as crianças gostam. Após a resposta da professora o pai apenas responde que estranhou o filho conhecer os personagens sendo que ele não havia assistido ao filme com a família. A professora novamente responde em tom de brincadeira que na próxima semana o filme será Cinderela. O pai apenas faz uma cara de quem não aprova a escolha do filme.

Em outro dia novamente a professora entrega massinha para que os alunos brinquem, mas desta vez a atividade não está direcionada. Logo o aluno 1 começa a fazer pulseiras e unhas com a massinha, o aluno 3 começa a imitar a brincadeira e pedir ajuda a primeira estagiária que se prontifica a ajudá-lo quando é repreendido pelo aluno 4: - Isso é coisa de menina!

Estagiária: - Todos podem brincar. Você quer que eu faça pra você também? Me da sua massinha.

O aluno 4 entrega a massinha meio desconfiado, brinca um pouco com a pulseira, mas logo a desfaz. A professora observou a ação de um canto e não interveio.

No dia seguinte era sexta feira, dia do brinquedo na escola. Dia em que todas as crianças podem levar para escola os brinquedos que tenham em casa. O aluno 4 entra em sala chorando com boneco do capitão América nas mãos e acompanhado da babá.

Professora: - Porque ele está chorando?

Babá: - Porque ele quer trazer a boneca da irmã. Já viu isso?!

Professora: Só sendo ele mesmo, viu! (risos)

Em seguida a professora se dirigi ao aluno 4

Professora:- Porque você não troca com uma de suas colegas?

Aluno 4 não responde, apenas observa que dentro da sala de aula, ninguém levou boneca.

Neste mesmo momento uma aluna pega o Hulk do colega e começa a brincar. Um aluno sinaliza a professora:

Aluno 5: Tia, ela pegou o Hulk.

Professora: Deixa ela.

Aluno 5: Tia, eu quero o Hulk! O Hulk é de menino.

Professora: O brinquedo não é seu e o colega deixou ela brincar.

Na aula seguinte, foi realizada a atividade proposta como dia do Herói. Todos os meninos levaram os super heróis que foram pedidos, poucas meninas levaram brinquedos que remetiam aos heróis.

No início da aula a professora explica que todos podem brincar com os super heróis, que os brinquedos são criados para que todos possam brincar. Nesse momento uma aluna comenta que eles salvam tanto homens como mulheres. A aula ocorre de maneira normal, até o momento em que pode utilizar os brinquedos. Antes de iniciar a brincadeira, a professora pede que cada diga um qual o seu super herói favorito e o motivo. Cada aluno responde e logo depois começa a brincadeira. Enquanto os meninos e algumas meninas brincavam de luta com os bonecos, outras meninas brincavam com os bonecos utilizando pulseiras e colares nos bonecos.

Para reforçar que todos os brinquedos podem ser utilizados, no dia seguinte foi o dia das princesas. Nesse dia ocorreu o inverso, todas as meninas levaram as bonecas e apenas dois meninos levaram a princesas e já foram explicando que eram das irmãs. Assim como no dia anterior, no início da aula a professora explicou que todos poderiam brincar com os brinquedos, pois os brinquedos e brincadeiras eram livres. Da mesma forma, cada aluno explicou qual era sua personagem favorita e motivo. Todos brincaram de forma tranqüila com as bonecas, sem nenhum comentário sexista, trocaram roupas, pentearam cabelos, entre outras brincadeiras.

Em outro momento de brincadeira livre no parque da escola, um aluno considerado calmo pelas professoras, prefere brincar apenas dentro da casa de boneca, realizando movimentos de quem lava louça e faz comida com os brinquedos, uma estagiária de outra turma comenta: Ele é sempre assim, só gosta de brincar com as meninas, com brincadeiras de meninas.

Como parte do planejamento das atividades de igualdade de gênero, foi proposto aos alunos brincarem de casinha e carrinho. Foram oferecidas uma casa de brinquedo, onde se podia entrar e sair da casa e carrinhos.

No momento da brincadeira da casinha, os papeis assumidos como “papai e mamãe” foram definidos por gêneros, porém as atividades exercidas para cada um, como lavar a louça, cuidar dos filhos, não foi definida pelos estereótipos de gênero. A divisão dos carrinhos, de início foi feitas pelas cores, até que uma aluna se manifestou lembrando das intervenções feitas pela professora e falou: - A Tia falou que não existem cores de meninas e de meninos! Logo houve uma nova redefinição da distribuição dos carrinhos.

Nota-se que, nessa sala, que os alunos que mais verbalizaram durante as atividades, apresentam o início de um comportamento sexista que em muitos momentos sofreram intervenções da professora e das estagiárias. Curiosamente, a sala também

apresentou o comportamento sexista de um pai de aluno, que expressou a professora sua convicção e como gostaria que o filho fosse educado na escola.

Apesar das intervenções das professoras, outras atividades elaboradas para a igualdade de gênero foram inexistes durante o período da observação, apesar da demanda expressada na fala dos alunos e dos pais. A deixa dos alunos também não foi utilizada pela professora para um diálogo com os alunos sobre o tema. O episódio ocorrido com o pai do aluno também foi considerado como "normal" para professor que não se manifestou mais sobre ele, propondo uma conversa sobre o assunto com os pais.

A construção da igualdade de gêneros deve ser iniciada desde a educação infantil, pois desde o primeiro contato com a escola os alunos podem demonstrar atitudes sexistas ou até mesmo irem desenvolvendo com os próprios estereótipos que as professoras podem acabar reproduzindo em sala de aula.

Em determinados momentos nota-se atitudes sexista presente na fala das estagiárias. Exigir dos alunos um padrão de comportamento baseado no sexo, impede o trabalho de construir a igualdade de gênero por um motivo básico, não se pode ensinar o que não se sabe.

O maior avanço na igualdade de gênero pode estar nessa fase da pré-escola, onde as "marcas" da primeira infância serão relembradas por toda a vida. Criar um ambiente escolar propício para a igualdade de todos os alunos, livre de discriminação e estereótipos.

A atenção a pequenos gestos de misoginia, pequenos comentários sexistas. Qualquer um desses pode contribuir para continuar repassando a discriminação e deixando "marcas" gritantes na primeira infância desses alunos. Que levarão ainda mais tempo para iniciar o processo de igualdade de gêneros.

Incentivar os alunos dessa faixa etária a refletirem sobre o motivo de suas atitudes sexistas, conversarem entre si e com os familiares sobre o tema, experimentarem outras opções é um caminho para a igualdade de gênero.

Todos sabem sobre a importância da brincadeira na educação infantil e de sua enorme contribuição no desenvolvimento infantil. Nessa sala de aula, podemos reparar como as atitudes sexistas aparecem nesse momento. Importante destacar que as brincadeiras e atividades lúdicas também podem e devem ser planejadas para alcançar determinadas finalidades. Afinal não existe sexo certo para brincar. Todos podem brincar na casinha, todos podem brincar com o Homem Aranha. Utilizar a brincadeira

lúdica é válida na construção da igualdade de gênero e não omitir a discriminação utilizando brinquedos infantis.

Esclarecer e incentivar a participação ativa dos pais nesse trabalho, também se faz necessário para que o processo se torne mais eficaz. O trabalho educativo é uma parceria. A escola tem papel fundamental, mas sabemos que, como em qualquer outra área, toda contribuição é bem vinda. Até mesmo para que os pais possam refletir sobre suas atitudes para de fato conseguirem colaborar.

Toda a comunidade escolar deve enxergar que a sala de aula é um espaço de cidadania, de produção de novas idéias que "envolve todas as pessoas em um processo de elaboração de regras de relacionamento, ou código de ética que, embora exista, muitas vezes sem a consciência das pessoas a respeito dele, deve passar a ser uma produção intencional de todos/as." Pulino (2014). Os alunos devem contribuir ativamente nessa construção do que será vivenciado em sala de aula. Para que dessa forma, possam levar essa postura crítica construída para outras fases da vida.

É como diz Pulino (2012 apud 2014) "é um processo de desaprendizagem, de desconstrução de verdades, nos permite experimentar a vida, relacionarmos com os outros e conosco mesmo na perspectiva da infância". É isso que é necessário nas salas de aulas, nos planejamentos escolares. Que os professores sejam capazes de enfrentar as diferenças para que seus alunos consigam também desaprender estereótipos para construir novas verdades de igualdades.

5. Considerações finais

A atuação docente é de suma importância no sentido de educar para evitar o sexismo difundido nas falas enraizadas culturalmente. Para transformar uma escola cidadã, com alunos capazes de analisar suas práticas cotidianas, desde o início de sua vida escolar, ou seja, na educação infantil.

Educar para os direitos humanos é educar para o desenvolvimento da personalidade, para o pluralismo, para o combate a às desigualdades, para as liberdades fundamentais de todos os indivíduos.

Se tratando de educação infantil em um espaço para a (re)construção do conhecimento vale o professor(a), refletir sobre suas atitudes cotidianas e de seus alunos, e planejar aulas visando transformar a visão dos alunos e permitindo a igualdade de gêneros. Pode-se imaginar propor que todos os alunos brinquem de bonecas, todos brinquem de carrinho, todas brinquem de casinha, todos usem o lápis rosa, a fase é propícia para essas atividades.

Relembrar que a construção da igualdade de gêneros é um caminho não apenas da escola, mas assim, como tudo que se refere à educação, um trabalho conjunto de professores e professoras, direção escolar e pais de alunos e alunas. Pode-se pensar em escolas voltadas para esse segmento educacional que, além de desenvolverem um trabalho em todas as turmas,passem a envolver em suas atividades conteúdos que abarquem os temas transversais, os pais e a comunidade externa.

A formação inicial e continuada de professores sobre a temática é necessária, para que estejam preparados para a atuação em sala de aula. Capazes de intervir de forma eficaz na construção da igualdade de gêneros, comprometidos com o combate a discriminação e reprodução de estereótipos sexistas.

Fechar os olhos para o início de atitudes discriminatórias é subestimar a capacidade do ambiente escolar na transformação da cidadania. É necessário enxergar a educação infantil como o princípio da construção de igualdades, como um espaço aberto para a diversidade, onde meninos e meninas tenham os mesmos direitos de demonstrar suas necessidades, seus gostos, suas personalidades e outros aspectos. É uma construção de direitos iguais, independente de gênero, raça, religião.

A qualidade da nossa educação infantil está associada com a capacidade de formar cidadãos e cidadãs conscientes de seus direitos e deveres, tolerante as diferenças, capazes de compreender que a diferença entre os gêneros é ligada a questão biológica e não social. É a primeira parte de um longo caminho na (re)construção de pensamento.

Como pontuamos ao longo desse trabalho, é uma (re)construção, formada com o trabalho de professores, dos próprios alunos, direção escolar, demais funcionários, e quiçá da comunidade escolar. É necessário o empenho de todos para termos escolas capazes de contribuir nessa (re)construção da igualdade de gênero.

Educar na primeira infância vai além de ensinar letras e números. É auxiliar nos primeiros passos da formação de um cidadão, é ensinar valores morais, é mostrar outras opções, é ensinar a se indagar sempre, é mostrar com carinho que todos têm direitos e deveres, é realmente educar.

6. Referências

BEAVOIUR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida** . Rio de Janeiro. Editora Nova. 1980;

BIAGIO, Rita de. **Meninas de azul, meninos de rosa**. Revista Criança do Professor da Educação Infantil, São Paulo, n°40, p.33-35, set. 2005 http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/revcrian40.pdf Acessado em 28/10/2015

CARBONARI apud SOUSA, Nair Heloisa Bicalho. **Retrospectiva histórica e concepção da Educação em e para os Direitos Humanos.** In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural.* (Módulo VIII). Brasília: UnB/SECADI/MEC, 2014.

DEMO, Pedro. **Boletim técnico do Senac**. Rio de Janeiro 1998.

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-Ação**. Educar, Curitiba, nº16, p.181-191, 2000. Editora da UFPR.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Cortez, 1993.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.**Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo : EPU, 1986

MACKAY, Sandra Lee. **O Professor reflexivo: guia para investigação do comportamento em salade aula**. São Paulo: Special Books, 2003.

MAGENDZO apud SOUSA, Nair Heloisa Bicalho. **Retrospectiva histórica e concepção da Educação em e para os Direitos Humanos.** In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural.* (Módulo VIII). Brasília: UnB/SECADI/MEC, 2014.

Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos / Comitê Nacional de educação em Direitos Humanos. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

PULINO, L. H. C. Z. **Diversidade Cultural e Ambiente Escolar**. In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural.* (Módulo VIII). Brasília: UnB/SECADI/MEC, 2014.

PULINO, L.H.C.Z. **Educar pela e para a cidadania, na perspectiva da Educação em e para os Direitos Humanos**. In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para*

os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural. (Módulo I). Brasília: UnB/SECADI/MEC, 2014.

SAVIANI, D. **Educação brasileira: Estrutura e sistema**. 7ª ed., Campinas: Autores Associados, 1996a.

Secretária de Educação Fundamental (1198). **Parâmetros Curriculares Nacionais_Temas Transversais: 5ª a 8ª série**. Brasília: MEC/SEF

SOUSA, Nair Heloisa Bicalho**. Construção de saberes, práticas pedagógicas e metodologias participativas da educação em direitos humanos**. In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural.* (Módulo VIII). Brasília: UnB/SECADI/MEC, 2014.

SOUSA Júnior, J. G.; SOUSA, N. H. B.; SANT´ANNA, A. A. F.; ROMÃO, J. E. E.; SANTANA, M. S.; CORTES, S. de N. Q. (Org.) **Educando para os direitos humanos: pautas pedagógicas para a cidadania na universidade**. Porto Alegre: Síntese, 2004 http://www.dhnet.org.br/dados/livros/a_pdf/livro_edh1_unb_nair.pdf

VALSIVIER apud alia GONZALEZ, Maria Barrios. CASTRO, Eder Alonso. **Os direitos humanos nas concepções e práticas pedagógicas.** In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural.* (Módulo IX). Brasília: UnB/SECADI/MEC, 2014.